



FACULDADES INTEGRADAS DE TAGUAÍ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

MARIA BEATRIZ DIAS MARTINS

PEDAGOGIA HOSPITALAR
A importância do trabalho humanizado
e seu impacto sobre saúde e educação

TAGUAÍ – SP
2023

MARIA BEATRIZ DIAS MARTINS

PEDAGOGIA HOSPITAL

A importância do trabalho humanizado e seu impacto sobre saúde e educação

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado no curso de Graduação em
Pedagogia nas Faculdades Integradas de
Taguaí sob a orientação do Professor Me.
Emerson Carlos de Almeida

MARIA BEATRIZ DIAS MARTINS

PEDAGOGIA HOSPITALAR

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo professor Me. Emerson Carlos de Almeida apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia das Faculdades Integradas de Taguaí, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM: 18 / 05 / 2023

BANCA EXAMINADORA

ME. EMERSON CARLOS DE ALMEIDA

LUIZ ALCIDES JOSÉ OLIVEIRA

KEILA NERI DE OLIVEIRA

Primeiramente eu agradeço a Deus, que iluminou meu caminho para ter forças para essa longa jornada. Agradeço a minha família por acreditarem em mim e por todo apoio que sempre me deram. Ao meu irmão Rafael que me inspirou para escrever esse artigo. Aos meus professores e orientador, e por fim, minha amiga Maria Lígia, me ajudou e incentivou durante o processo da conclusão desse artigo científico.

RESUMO

Esse artigo científico aborda a função do pedagogo e sua importância para a vida do aluno em situação de internação hospitalar. O breve histórico do surgimento da pedagogia hospitalar, o direito ao estudo, aos recursos e às matérias adaptados, mostram a necessidade de um pedagogo no ambiente policlínico, não somente para lecionar os conteúdos teóricos, mas também para auxiliar o paciente e sua família em questões psicológicas, sendo o mediador entre enfermo, família e funcionários do hospital. O objetivo é garantir que a educação continue, pois, o estudante não pode participar das aulas regulares, e que seus estudos não sejam prejudicados. Dessa forma, espera-se também que a invasão escolar e a repetência diminuam. Levando o ambiente escolar para dentro do hospital fará com que o aluno mude o foco daquele espaço desfavorável para uma distração com assuntos diferentes, muitas das vezes mais dinâmicos e fora da realidade contínua que o tratamento hospitalar traz, na maioria dos casos remete à dor e ao sofrimento.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Mediador. Educação.

1 – INTRODUÇÃO

O método educacional em áreas hospitalares vem sendo praticada a bastante tempo, mas mesmo assim ainda é considerado um novo desafio. Pedagogia hospitalar deu início na França em 1929 (Oliveira, 2015). No Brasil, iniciou no século XX em 1950, a primeira classe hospitalar a funcionar em pediatrias foi no Hospital Municipal Jesus/RJ. A partir da Constituição Federal de 1988, leis vigoradas nessa época, ajudavam a garantir o direito ao estudo a menores apesar de estarem internados, mas foi em 1990 que começou a surgir de fato leis abordando o tema. (Cavalcante; Guimarães; Almeida, 2015)

No passado e por um longo tempo, apenas escolas eram consideradas lugares adequados para transmitir o conhecimento e aprendizagem aos alunos. Mas, ao decorrer dos séculos o processo de ensino foi além de um ambiente escolar feito como “único” onde se ensina e aprende, tendo a vontade e a necessidade do aprendizado, qualquer local com educador e estudante se torna possível. (Araújo; Rodrigues, 2020, p. 2)

Se existem métodos e recintos fora do contexto escolar padrão, é porque se tornou uma ação necessária para nossa sociedade (Araújo; Rodrigues, 2020, p. 2), fazendo cada vez mais profissões se adequar a espaços diferentes, assim como a pedagogia que ampliou seus horizontes fazendo pedagogos trabalharem de formas diversificadas.

Além disso, é uma profissão que tem que disponibilizar mais pedagogos para a área, que sejam capacitados para o convívio do local e o ideal é que consigam ter uma ampla abordagem de aprendizagem, conseguindo entender os conteúdos para passar ao aluno hospitalar, independente da sua faixa etária.

O educando enfermo, que muitas vezes precisa de cuidados rigorosos, é obrigado se ausentar do ambiente escolar por um longo tempo dependendo da sua situação.

Foi a partir dessas ocasiões que começou a surgir a Pedagogia Hospitalar, pensando no aluno que teria que ficar afastado das atividades escolares. O ambiente de internação foi se adaptando para o atendimento pedagógico, onde crianças e jovens em idade escolar, além de fazerem seus tratamentos médicos, possibilitou-se a continuação de seus estudos, de forma adaptada às condições de

cada enfermo. O pedagogo hospitalar contribui para tratar do estado biológico, psicológico e social, sendo mediador entre educação, saúde e família. (Russo; Messa, 2017)

O interesse em procurar saber mais e transmitir o conhecimento para as pessoas sobre a área da Pedagogia Hospitalar, surgiu através da experiência que o irmão do autor deste artigo precisou passar, pois ele teve uma doença chamada leucemia (câncer/ é uma doença maligna dos glóbulos brancos geralmente) levando a ficar internado várias vezes no hospital de Jaú/SP (Hospital Amaral Carvalho). O mesmo teve que se afastar por mais de 1 ano da instituição escolar, fazendo várias atividades propostas pela professora do hospital. Ela manteve contato com a escola onde o paciente estava matriculado, ficando por dentro do conteúdo e conseguiu adaptá-los conforme as circunstâncias dele.

Quando ele não estava internado, tinha que ficar em casa sobre o máximo de cuidado possível para não prejudicar seu tratamento, até mesmo manter contato com pessoas de fora era difícil por causa do risco de contaminação por vírus e bactérias. Foi a partir dessas situações que a autora teve os primeiros contatos com a Pedagogia Hospitalar.

Este artigo se baseia em pesquisas bibliográficas sobre a realidade pedagogo hospitalar e o relato de uma pessoa que passou pelo processo pedagógico hospitalar e sua família, juntando com pesquisas. Dessa forma, este trabalho possibilitou responder às seguintes perguntas: de que modo surgiu e qual a importância da Pedagogia Hospitalar? Quais contribuições o pedagogo hospitalar pode trazer para pacientes em idade escolar hospitalizados? Quais os tipos e estilos de práticas pedagógicas que podem ser tomadas no ambiente de saúde?

2 – PEDAGOGIA HOSPITALAR: CONTEXTO HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO

Os registros históricos são gigantescos, sempre contando a trajetória do mundo e ajudando a evoluir, trazendo sempre novas discussões dos direitos de viver. Através dos registros marcados ao decorrer dos tempos, esse capítulo aborda então, os momentos mais importantes apontados pelos artigos publicados sobre o surgimento da pedagogia hospitalar, fazendo um breve resumo sobre a história e os direitos que as leis proporcionam para o aluno.

2.1 – PEDAGOGIA HOSPITALAR: BREVE HISTÓRICO

De acordo com os registros históricos, é evidente que a Pedagogia Hospitalar teria se iniciado a partir do século XX, durante a II Guerra Mundial, muitas pessoas ficaram extremamente feridas, entre elas crianças e jovens que precisaram de atendimento médico, várias ficaram internadas durando um longo tempo, fazendo os hospitais se adaptar à situação. (Carneiro; Tavares, 2012 p. 2)

Segundo Oliveira (2015 p. 3), as pesquisas publicadas sobre o assunto observam as narrativas do contexto histórico, mostrando que o conteúdo pedagógico primeiramente nasceu em 1929 por Marie Luoise Imbert na França e também cita que nasceu em Paris no ano de 1935 sobre o comando de Henri Sellier, transmitia educação para crianças especiais, inaugurado essa área, sem saber ao certo quem teria inaugurado.

A atitude de Henri é a mais mencionada e foi inspiradora para outros países, pegando seu exemplo e colocando em prática para suprir as dificuldades escolares de crianças com tuberculose.

Em 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas de Suresnes (CNEFEI), para o serviço de professores em Institutos Especiais e Hospitalares, nesse ano também foi criado o cargo para professores hospitalares na França, esse centro funciona até hoje. A segunda guerra mundial se tornou um marco decisivo para educação hospitalar. (Cavalcante; Guimarães; Almeida, 2015 p. 3)

2.2 – PEDAGOGIA HOSPITALAR: BREVE HISTÓRICO NO BRASIL

Segundo Araújo; Rodrigues (2020), citam que, alguns autores consideram o início da classe hospitalar no Brasil no começo do século XX, no Pavilhão Escola Bourneville do Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, mas nem todos os autores concordam com essa afirmação, pois o contexto histórico da época mostrava precariedade e falta de cidadania com as crianças e adolescentes internadas, era como se fosse tratado num ambiente de manicômio.

Explicita Araújo; Rodrigues (2020, p. 3) em outra passagem, os autores que não partilham dessa visão, destacam que esse recinto era impróprio de compartilhar sabedoria e educação aos jovens, a grande maioria dos menores hospitalizados eram deficientes sendo excluído do meio social, estando em condições inadequadas de internação e num local impróprio para suas circunstâncias.

Nesse período da história era um hábito comum e desumano, acabava sendo normal excluírem pessoas com deficiência ou alguma doença, o pensamento da época para pessoas diferenciadas eram julgamentos por não serem iguais e serem mais difíceis de compreender e de saberem lidar.

Infelizmente a comparação de uma pessoa com deficiência e doença grave era relacionada como parecidas ou iguais, o que se torna lamentável para ambas as situações, através desse contexto histórico, foi observado, analisado e proporcionado às primeiras classes hospitalares.

Para os autores que acreditam que essa realidade chegou de fato em solo brasileiro, em 1950 no estado do Rio de Janeiro, o primeiro hospital infantil a receber o conteúdo pedagógico brasileiro foi Hospital Municipal Jesus, em 14 de agosto de 1950, que teve como primeira professora Lecy Rittmeyer, como explica Cavalcante; Guimarães; Almeida (2015, p. 3).

Junto com essa afirmação, ressalta que em 1958, pouco tempo depois, mais uma professora se juntou a essa causa, Ester Lemes Zaborowski foi designada no mesmo hospital para prestar serviços pedagógicos às crianças hospitalizadas, elas buscaram unificar o trabalho e trazer melhorias para o sistema.

Em seguida, tendo o segundo hospital abordar a prática e iniciar a classe hospitalar em 1960 no Rio de Janeiro, Hospital Barata Ribeiro, como esclarece Araújo; Rodrigues (2020, p. 2), assim como o terceiro Hospital das Clínicas da Faculdade de Ribeirão Preto (HCFMRP-USP) que também começou usar esse

recurso a partir de 1970, mas, foi só a partir de 1981 que o aumento consideravelmente de hospitais com áreas para pedagogia hospitalar começou a surgir de fato. (Cavalcante; Guimarães; Almeida, 2015 p. 4)

Classes hospitalares ainda são consideradas recentes pela sua proporção, é uma área que foi despertada por volta do ano de 1929 (Oliveira, 2013 p. 3), mas foi reconhecida por lei na década de 1990 no Brasil, que disponibiliza que todos os hospitais que atende alas pediátricas permanentes, tenham seção de atendimento pedagógico, tentando prevenir a marginalização no processo educacional dos menores que ficam internados.

2.3 – MENOR HOSPITALIZADO: DIREITO ASSEGURADO PELA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Diversos estudos analisaram as consequências do afastamento de crianças e jovens que ficam muito tempo afastados da escola por motivos maiores, levando-os a prejuízos futuros quando retornam para a escola ou direto para vida adulta, pois apresentam mais dificuldades em se adaptar com tanto conteúdo perdido. Por causa dessa necessidade de o aluno ficar fora da instituição escolar, surgiu a pedagogia hospitalar, mas ela ganhou notoriedade jurídica entre o final dos anos 90 para o início dos anos 2000. De acordo com o Biscaro (2015), enquanto não existia leis específicas para a área, nossa lei maior (Constituição Federal) ajudava a estender a lei para conteúdos pedagógicos nas áreas de saúde.

Há diversas leis que apoiam a continuidade dos estudos em ambientes hospitalares. Conforme a Constituição Federal de 1988, Título VIII – Da Ordem Social, Capítulo III – Da Educação, da Cultura e do Desporto, Seção I, artigo 205:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).¹

Acrescentando essa afirmação junto com o artigo 214 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940, inciso II, “a universalização do atendimento

¹ Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-13.pdf>. Acesso em 7 março 2023.

escolar” (BRASIL, 2005, p. 39), ou seja, independente da circunstância que a pessoa em período de escolaridade tiver, segundo a lei, todos tem o direito a educação garantida, a escolaridade tem que chegar a todos os ambientes, incluindo assim ala hospitalar, clínica e domiciliar.

Antes da década de 90, não existia leis específicas para classe hospitalar, a educação mais antiga registrada no espaço hospitalar foi em 1950 no hospital Jesus/RJ, com parceria a secretaria de educação do município, tendo uma visão necessária para expandir a legislação, leis foram criadas e publicadas na década de 1990 em diante o direito pedagógico no contexto hospitalar. Biscaro (2015)

Assim, segundo Biscaro (2015), pode se disser que a educação básica sempre vai estar presente na vida dos estudantes, se adaptando as circunstâncias de cada um para que possam concluir as aprendizagens.

Com base nisso, a Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados, instituída no Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, na Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995 destaca “9. Direito de desfrutar de [...], acompanhamento do curriculum escolar durante sua permanência hospitalar.” (BRASIL, 1995), motivando a realização de práticas educativas no hospital, por meio da proteção legal do atendimento pedagógico nos aspectos metodológicos curriculares e lúdicos.

Segundo Biscaro (2015), a classe hospitalar está inserida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), na lei 9.394/96 como educação especial, incluindo alunos com necessidades educacionais especiais, tanto físicas, mentais ou impossibilitados de frequentar as aulas, assegurando o direito ao estudo.

O site da Agência Senado (BRASIL, 2018) cita a atualização dessa lei reforçando que o tempo de atendimento educacional especial, será prolongado à medida que precisar, assegura esse atendimento somente para educandos pertencentes ao público alvo da educação especial.

Com essa lei em vigor, as crianças e adolescentes podem receber seu tratamento e mesmo assim não deixar a educação de lado. Estando no ambiente hospitalar ou em casa, a criança tem o direito de receber auxílio educacional até quando precisar.

A LEI Nº 13.716, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018 altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica

internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. (BRASIL, 2018).²

A ideia de disponibilizar a educação para todos está na legislação desde a Continuação Federal de 1988, mas infelizmente no Brasil a ideia de adaptação em rede hospitalar só passou a ser vigorado na década de 90, sendo reconhecida oficialmente pela legislação. Com o atraso das adaptações do direito em leis específicas na área da saúde, o tema não é muito de domínio público, tendo o risco das pessoas que precisam do serviço, percam o direito que tem por falta de conhecimento.

Segundo o MEC (BRASIL, 2002), ele tem dever de identificar hospitais que tem atendimento pediátrico e orienta-los sobre as determinações legais do atendimento educacional.

O Poder Público deve identificar todos os estabelecimentos hospitalares ou instituições similares que ofereçam atendimento educacional para crianças, jovens e adultos, visando orientá-los quanto às determinações legais. (BRASIL, 2002).³

O MEC (BRASIL, 2002) como responsável por orientar qualquer ambiente hospitalar, sobre determinações legais, todas pessoas internadas nas alas pediátricas tem o direito de obter o sistema.

Para finalizar, a Resolução SE 71/2016 que dispõe sobre o atendimento escolar a alunos em ambiente hospitalar acrescenta todo tipo de tópicos necessários para que o ambiente de saúde envolva “a segurança respeito e direito ao menor internado e a pedagogia hospitalar, mostrando a importância e a proporção que a classe hospitalar se tornou.” (BRASIL, 2016).

Juntando com esta perspectiva de direitos, temos a Lei 4344/20 atualizada em 25 de setembro de 2020, aborda sobre o direito do atendimento domiciliar e a Lei 11.104, de 21 de março de 2005, disponibiliza a obrigatoriedade de instalações de brinquedotecas nas unidades de saúde nas alas de internações pediátricas, (BRASIL, 2005) mostra como é crucial a importância do desenvolvimento do brincar entre a saúde e educação, promovendo expressões lúdicas, mantendo a garantia da

² Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-13.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

humanização no atendimento aos pequenos pacientes, ajudando não apenas áreas pedagógicas, mas qualquer setor envolvendo pediatria, ajudando tanto fisioterapeutas, pedagogos e fonoaudiólogos como enfermeiros e médicos a se aproximarem das crianças.

3 – CONTEXTOS EDUCACIONAIS NO AMBIENTE HOSPITALAR

Esse capítulo é dividido em quadro temas, percorrendo os assuntos principais que abordam os contextos educacionais no ambiente hospitalar (classe hospitalar, atendimento domiciliar, metodologia e brinquedoteca). Os tópicos irão abordar as necessidades que um aluno enfermo precisa para dar continuidade aos seus estudos mesmo afastado da escola.

3.1 – SALAS PARA CLASSE HOSPITALAR

Os estabelecimentos hospitalares sobre determinações legais oferecem salas pedagógicas para crianças e adolescentes, criando oportunidades na formação continuada para as pessoas que se encontram internados por um longo período. Respeitando as capacidades e necessidades educacionais especiais e individuais de cada um, o profissional tem o dever de orientar cada aluno/enfermo seja em salas hospitalares ou domiciliares, até o seu retorno na escola regular ou sua conclusão no ensino. Muitos pacientes precisam ficar longos períodos em tratamento, mantendo-se longe do convívio escolar, assim os pedagogos escolares auxiliam estudantes enfermos a concluírem o ensino pelo acompanhamento hospitalar.

Segundo o MEC (BRASIL, 2002), as salas para classe hospitalar têm que ser bem estruturadas e sempre pensar nas adaptações que o aluno (enfermo) precisa.

Uma sala para desenvolvimento das atividades pedagógicas com mobiliário adequado e uma bancada com pia são exigências mínimas. Instalações sanitárias próprias, completas, suficientes e adaptadas são altamente recomendáveis e espaço ao ar livre adequado para atividades físicas e ludo-pedagógicas. (BRASIL, 2002, p. 17).⁴

⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

O MEC (BRASIL, 2002) também impõe a disponibilidade de muitos materiais para a colaboração do conteúdo pedagógico, além de facilitar a comunicação do educando com seus colegas quando necessário. Materiais como, recursos audiovisuais, como computador em rede, televisão, máquina fotográfica, filmadora, entre outros, são consideráveis para um planejamento de aula diferencial e o desenvolvimento do indivíduo, trazendo uma dinâmica diferente para aula.

A classe hospitalar originalmente corresponde a uma sala escolar no ambiente de saúde, mas também pode ser direcionada em local fora da sala, preparada para receber o aluno, às vezes o professor tem que ir até o aluno em leitos ou até mesmo na sua casa.

Com isso, às vezes o local precisa ser adaptado para o paciente, tendo que providenciar equipamentos de acordo com as necessidades do educando, conquistando possíveis barreiras e privilegiando o indivíduo de se deslocar em outros espaços, isso vale tanto para o hospital como para a casa.

Às vezes precisa de adaptações como cama especial, cadeira personalizada, cadeira de rodas, uma mesa diferente de acordo com o que o aluno precisa, etc. Facilitando o acesso do paciente a estudar, não prejudicando o enfermo com suas impossibilidades e sua saúde, independente do lugar que esteja, tornará o ambiente apto para os estudos, tornando o local sua sala de aula.

É muito importante valorizar o jovem, fazer o possível para tornar a classe adaptada, independentemente do local, as aulas podem ser diferentes e atrativa, ajudando a melhorar o clima e o humor, o desenvolvimento pessoal conta muito para evolução do processo educacional, podendo trazer benefícios e ajudar na recuperação.

3.2 – O DIREITO AO ATENDIMENTO PEDAGÓGICO DOMICILIAR

O atendimento domiciliar é uma forma de atender pacientes nas suas residências, são alunos que tiveram alta do hospital, mas não podem sair da casa por causa dos cuidados necessários aos tratamentos médicos e recuperações de cirurgias ou acidentes.

Então, por mais que certos pacientes recebam alta dos hospitais, não quer dizer que ainda estão liberados para conviver no meio social, dessa forma, existem pacientes que tem o acompanhamento das aprendizagens em casa. Assim, é

necessário o apoio da equipe escolar na qual o indivíduo está matriculado. Cabe então à equipe hospitalar fazer parcerias para confortar o paciente e ajudá-lo no que precisa, como no fornecimento de equipamentos adaptados na sua casa, facilitando para ele se sentir confortável quando fizer seus estudos.

Acrescentando com os argumentos do MEC:

Os aspectos físicos referem-se aos recursos necessários ao professor para a efetivação do atendimento pedagógico domiciliar e às adaptações que deverão ser realizadas na residência do educando e no ambiente de ensino quando do seu reingresso à unidade escolar de referência à qual está matriculado ou será matriculado. Estes recursos (instrumentos de apoio didático-pedagógico) e adaptações (eliminação de barreiras físicas e arquitetônicas, de acesso ao currículo, etc.) deverão possibilitar a igualdade de condições para o acesso ao conhecimento, assim como o acesso e a permanência na escola. (BRASIL, 2002, p. 17).⁵

Junto às adaptações necessárias que o MEC menciona (BRASIL, 2002), também tem a Lei 4344/20, imposto no site da Agência do Senado, mostrando e garantindo o direito de conceber atendimentos pedagógicos nas residências que as pessoas precisam.

Conclui-se que legalmente há recursos de apoio pedagógico/hospitalar para alunos internados que tiveram alta, mas ainda não podem frequentar a escola por um período necessário à recuperação e tratamento, ou que estão permanentemente impossibilitados de frequentarem o ambiente escolar.

3.3 – CLASSE HOSPITALAR: METODOLOGIA E RECURSOS

As atividades sugeridas pelo professor hospitalar, devem corresponder àquelas que o aluno realizaria em sala de aula do ensino regular caso não estivesse fazendo tratamento. Cabe ao professor hospitalar manter contato com a escola do aluno para saber quais atividades e métodos podem ser utilizados. (Carneiro; Tavares, 2012 p. 10).

Segundo Carneiro & Tavares (2012), numa uma classe hospitalar, tudo depende do quadro de saúde do paciente, é sempre incerto quando o paciente reage bem ao tratamento ou tem pioras, cabe ao pedagogo modificar seu plano de aula com a situação de cada paciente, isso pode levar o pedagogo ao quarto do

⁵ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

paciente que precise de maiores cuidados ou em sala específica para o atendimento.

A classe hospitalar necessita que o professor seja flexível e criativo na hora de exercer seu trabalho, com planos que incluam o aluno dentro da possibilidade do hospital. Às vezes, as instituições hospitalares não têm recursos suficientes para as matérias pedagógicas, necessitando que o professor seja flexível e ágio para mudar seus cronogramas e atividades, sempre tentando trazer algo diferente com o que tem à sua disposição.

O MEC (BRASIL, 2002) ressalta que é possível incluir nos conteúdos pedagógicos em atividades com pintura, música, jogos, dramatização e outras formas de expressão, auxiliam no aprendizado, na socialização e no desenvolvimento cognitivo, tornando as atividades lúdicas relevantes para o ambiente hospitalar.

Brincadeiras, jogos, cotação de histórias, mímicas podem ser de extrema importância para trazer as emoções da criança e do jovem, ela expressa o que está sentindo e com isso faz uma interpretação do indivíduo ao decorrer da atividade sobre seus sentimentos e emoções. Esses métodos sempre podem ser pensados numa maneira de trazer para a aula e torná-la diferente, que entretenha e socialize as pessoas.⁶

De acordo com Mundim; Borges & Oliveira (2018 p. 10), as histórias que abordem otimismo e pensamentos positivos melhoram a autoestima dos alunos enfermos. Pode-se trazer o conto para uma realidade interpretando os personagens, usando roupas e vozes que condizem com os mesmos para dar mais veracidade ao momento de leitura. Muitas atividades podem ser pensadas para interagir com o paciente, família e profissionais.

Continuando com essa afirmação, jogos podem ser feitos de maneiras simples e que não arrisque a criança fazer algo além do seu limite, mas pode ser um jogo dinâmico com outras crianças, podem ser usados dados, amarelinha de números, desafios, tudo que ajuda interagir com o outro se divertindo.

⁶ Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>. Acesso em: 10 de abril 2023.

Todas essas interações podem ser feitas no pátio com acesso para todos os internados da ala pediátrica, até mesmo em brinquedotecas ou em seus quartos. Quanto mais disponibiliza os meios de socialização, melhor para o desenvolvimento.

O MEC (BRASIL, 2002) ressalta também as adaptações necessárias com os recursos dos alunos em sala de aula regular, hospitalar ou domiciliar, para incluir melhor o aluno nas atividades. O documento também destaca a importância de se pensar no plano de aula geral e o que se pode fazer para incluir cada criança no mesmo plano, como através de jogos e materiais de apoio pedagógico que possam ser manuseados e transportados com facilidade; utilização de pranchas com presilhas, prendedores e suporte para lápis e papel; teclados de computador adaptados; softwares educativos; pesquisas orientadas via internet; vídeos educativos, etc.

De acordo com Carneiro & Tavares (2012), materiais que podem ser usados nas brinquedotecas ou qualquer sala educacional:

Sacolas contendo quebra-cabeças para serem montados junto aos familiares e acompanhantes; sacolas com livros paradidáticos apenas com histórias e outros com espaços para participarem da construção dos textos, como por exemplo: continuar a história, desenhar partes que faltam criar o final da história, reescrever a história lida, recontar ao pedagogo ou acompanhante; fantoches de dedo para reconto de histórias já conhecidas, como os clássicos da literatura infantil, ou criação de novas histórias; uso de bolas, dados e blocos de montar; trabalhos artísticos com desenho, pintura; confecção de imagens com papel (origami), de máscaras, chapéus, esculturas, modelagens; brincadeiras como pular elástico e amarelinha; jogar pingpong, boliche com variações (com as mãos, com os pés); imitações; uso de fantasias; danças livres ou coreografadas; uso de instrumentos musicais; recursos tecnológicos como jogos computadorizados, vídeo games, assistir filmes. (CARNEIRO; TAVARES, 2012, p. 12).⁷

A importância dos métodos usados nas alas hospitalares é a possibilidade de trazer o aluno/enfermo para perto das pessoas, fazendo-os interagirem e mostrarem seus sentimentos e assim ajudando os profissionais a entenderem melhor como ele está reagindo ao ambiente, possibilitando ajudá-lo de formas diferentes, afim de fazer com que o aluno progrida ao invés de regredir. (Carneiro; Tavares, 2012)

⁷ Disponível em:

<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1364/1/Artigo%20Maria%20Emilia%20Alves%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

Muitas vezes, pacientes adolescentes acabam ficando um pouco de lado nessas situações por terem um desenvolvimento diferente da criança, a qual ainda está sendo alfabetizada e qualquer interação diferente para ela pode ser divertida. Assim, acaba sendo mais “fácil” ensinar e entreter crianças do que adolescentes. Esses últimos estão em uma fase diferente, onde sua personalidade está sendo mudada. Dessa forma, não é qualquer interação dinâmica que vai chamar a atenção e entretê-los. Às vezes, não há conteúdos dinâmicos suficientes que pensem mais nos jovens e que os agradem, tirando o fato de não ter profissionais aptos o suficiente para abranger todas as idades e que saibam os conteúdos necessário para aquela fase. Assim, é importante que se tenha mais profissionais envolvidos nesta área e mais recursos disponíveis para abranger toda a faixa etária.

3.4 – BRINQUEDOTECA COMO UMA SALA DE APOIO

Para assegurar os cuidados com os pacientes, convém a prevenção com o cuidado ao ambiente.

É de extrema importância que a brinquedoteca hospitalar, tenha o piso emborrachado e os móveis contenham bordas arredondadas para evitar acidentes futuros. É importante que seja um lugar colorido, onde o pedagogo possa usar sua criatividade, também podendo usar roupas coloridas que as cores façam a remeter a alegria, igual ao projeto doutores da alegria. É necessário que haja uma preocupação com a higienização do local e dos brinquedos, e que sejam tomadas todas as medidas de precaução para evitar uma possível infecção hospitalar. (CARNEIRO; TAVARES, 2012, p. 13).⁸

Em uma brinquedoteca, segundo CARNEIRO & TAVARES, (2012, p. 12) o professor pode desenvolver os alunos em atividades diferenciadas que promovem o desenvolvimento cognitivo e emocional, fazendo uso de música, jogos e tecnologia para promover o interesse no aprendizado, esses são um dos objetivos da brinquedoteca. Esse ambiente não deve ser visto somente como um lugar que vai proporcionar um momento de lazer, é também uma forma de estar desenvolvendo a memória, raciocínio, imaginação, criatividade, entre outros. Todos os materiais e

⁸ Disponível em:

<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1364/1/Artigo%20Maria%20Emilia%20Alves%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

recursos citados no módulo anterior podem ser trazidos para a brinquedoteca e usar de forma sábia.

Lima & Paleologo (2012) evidenciam a importância do uso de brinquedotecas em redes hospitalar.

Além do espaço das classes hospitalares, conta-se também com a brinquedoteca, um espaço que a criança brinca livremente, socializa o brincar, resgata brincadeiras tradicionais, usufruindo de plenas oportunidades que as possibilitam desenvolverem novas competências e aprender sobre o mundo, sobre as pessoas, e sobre si mesmas, ampliando seu desenvolvimento emocional, cognitivo, social, psíquico físico e psicomotor. (LIMA; PALEOLOGO, 2012, p. 10).⁹

Dentro desta perspectiva, no que diz respeito ao processo de humanização hospitalar, as brinquedotecas representam o reconhecimento do direito da criança e do adolescente em brincar e a terem uma vida digna de lazer.

Esse suporte pedagógico segundo Lima & Paleologo (2012), faz com que crianças e adolescentes hospitalizados se sintam inspirados pelo atendimento educacional que lhes é prestado, como resultado sua saúde mental e física é melhorada.

Os profissionais de saúde envolvidos no processo de cuidado e tratamento do paciente-aluno relatam que a criança que recebe algum tipo de atenção educacional durante o internamento tende a ser mais receptiva, calma e realiza as tarefas terapêuticas com disposição, o que auxilia em sua recuperação. (MATOS; MUGIATTI *apud* LIMA; PALEOLOGO, 2012, p. 10).¹⁰

Em vista disso, o trabalho que um professor desenvolve em ambiente hospitalar, independente se seja numa sala de aula, numa sala de apoio, ou mesmo no leito dos pacientes, tem um impacto significativo no seu crescimento cognitivo, mas também psicológico e emocional, e com os recursos disponíveis tendem só ajudar a melhorar.

A relevância na brinquedoteca como um espaço de humanização. A importância de brinquedotecas em hospitais é indiscutível, e sua utilização intensiva deveria ser uma obrigação, pois muitos hospitais possuem, porém

⁹ Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf. Acesso em: 4 de fevereiro 2023.

¹⁰ Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf. Acesso em: 4 de fevereiro 2023.

não utilizam adequadamente. A presença de contadores de história, visita de clowns ou artistas como os Doutores da Alegria, e até mesmo a utilização de animais como coadjuvantes no tratamento tem se mostrado de grande utilidade e humanizado um ambiente que lhes são extremamente agressivos. (GODOI; SALES apud SALES Carneiro; Tavares, 2012, p. 12)¹¹

De acordo com a LEI Nº 11.104, nas instituições hospitalares é indispensável um local adaptado para brincadeiras e desenvolvimento da pessoa, é de obrigatoriedade ter brinquedotecas. A brinquedoteca é muito benéfica, ela traz bons resultados na qual o indivíduo aprende brincando.

Referência Carneiro; Tavares (2012 p. 12), que infelizmente tem brinquedotecas que não são bem usadas, a instituição possui o local que tem boa abordagem de ensino, mas mesmo assim o uso é pouco dependendo do lugar, ou às vezes o hospital não tem espaço para essa abordagem, mesmo sendo um direito em lei.

4 – A IMPORTÂNCIA DA FUNÇÃO PEDAGÓGICA HOSPITALAR

Esse capítulo interpreta a importância e necessidade de uma pessoa formada na área da educação, que entende os princípios educacionais atuando em salas hospitalares. Esse profissional age de forma humanizada, ajudando o aluno a não se sentir perdido quando voltar para a vida escolar, ou até mesmo em ter a dignidade de terminar sua escolaridade pelo ensino hospitalar.

4.1 – FUNÇÃO PEDAGÓGICA X ALUNO HOSPITALIZADO

Nossas memórias de hospitais tendem a concentrar no sofrimento, medo, fragilidade e vulnerabilidade que sentimos em ambientes de saúde, mas nossas memórias também remetem a um lugar que é para receber tratamento e trazer possíveis soluções para nossos casos. Quanto mais longo o tempo de tratamento, maior o estresse, a angústia e o medo da morte.

Em ambiente hospitalar, a criança ou adolescente já se encontra fragilizado, medroso e distante de sua rotina, sendo um lugar que priva nos estímulos

¹¹ Disponível em:

<http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1364/1/Artigo%20Maria%20Emilia%20Alves%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

fundamentais do desenvolvimento infantil, não oferecendo atividades que levem em consideração as questões sociais, emocionais e motoras, isso pode prejudicar sua infância e até piorar sua saúde, dificultando a recuperação.

O termo classe hospitalar, assim denominada desde 1994 através da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 2002), refere-se a um espaço que propicia do ambiente pedagógico hospitalar em contexto de internação temporária ou permanente, assegurando o vínculo com a escola e favorecendo ou encorajando o retorno da pessoa internada com sua vida estudantil.

A Secretaria de Educação Especial do MEC (BRASIL, 2002), torna essa área classificada como modalidade de atendimento especial.

A Secretaria de Educação Especial – SEESP/MEC reconhece a Classe hospitalar como sendo uma modalidade de atendimento educacional às crianças e jovens (internados) que necessitem de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar. (BRASIL, 2002, p. 10).¹²

É uma técnica meio que inovadora para área, uma nova alternativa de ensino, pode ser vista também como uma nova forma de inclusão, trazendo muitas dificuldades por ser algo novo, o Brasil demorou anos para reconhecer por lei e com isso teve atraso no conhecimento público, mesmo que esteja inserida na legislação, nem todas as alas hospitalares oferecem o ensino ou não tem capacidade para sustentar o sistema de forma eficaz para atender todas as faixas etárias.

O papel do professor no hospital é muito importante para ajudar os alunos a terminarem sua escolarização na qual, por motivos de saúde, não podem frequentar as aulas regularmente e nem ter sua antiga rotina social ativa, assim, é necessário que esse profissional esteja apto e capacitado a atender seus alunos com excelência e sempre buscando novos conhecimentos para adquirir.

É necessário ter ligação entre a escola do aluno, assistência social e hospital para poder saber as informações necessárias de escolaridade, qual série frequenta, níveis de aprendizagens, como é o comportamento do aluno normalmente, qual conteúdo a sala regular está trabalhando para o professor hospitalar dar continuidade, mantendo contato sempre para atualizar sobre os conteúdos e a saúde do indivíduo, e como está seu progresso, se o comportamento do aluno mudou.

¹² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

Segundo a menção de Carneiro; Tavares (2012, p. 2), todo o conteúdo que o professor hospitalar trabalhar com o aluno fora do ambiente regular de ensino, terá que ser anotado, fazendo um prontuário com todas as informações do que foi realizado nesse período para ser entregue a instituição escolar quando o paciente receber alta, e também continuar acompanhando o aluno no retorno ao convívio com a sociedade e escola.

Russo; Messa (2017 p. 10) em um trecho destaca que o pedagogo hospitalar se tornou indispensável para estudantes internados, esse método faz com que eles consigam dar continuidade aos estudos, diminuindo assim a evasão escolar e até mesmo a repetência.

O trabalho pedagógico junto com a equipe de saúde tem como proposta trazer um estado sadio, enquanto enfermeiros e médicos se encarregam de tratamentos intensões internamente, a equipe pedagógica tenta buscar o lado terapêutico trabalhando o intelectual, cognitivo, tudo que for possível abranger, promovendo tranquilidade, conformo, despertar o lado criativo, mostrando manifestações de felicidade, fortalecendo laços familiares e amigáveis, tentando diminuir o preconceito que atingem a doença, desfocando de situações desagradáveis e se aceitando, melhorando sua autoestima, trabalhando constantemente sem perceber a vontade, força e espírito para lutar pela vida. (Russo; Messa, 2017)

Inclusive, Russo & Messa (2017 p.14) menciona que “a educação abrange a sociedade, a cultura, a ética, a política e a economia, sendo um processo transformador, dinâmico e histórico, que possibilita a construção”, mostrando que a sociedade tem muitas caracterizas para trabalhar, cada um se torna diferente do outro pelas suas origens, demonstrando o respeito por cada um e o processo de evolução que cada indivíduo tem, transformando seus diferenciais.

Com esse propósito, Carneiro; Tavares (2012) lembra que o profissional deve estar sempre disposto aos desafios encontrados. Ele deve estar disposto a estimular a aprendizagem, além de entender e aprender com seu aluno também, trazendo para o mesmo conforto com as atividades propostas. De certa forma, as dinâmicas trabalhadas pelo professor poderão fazer toda a diferença, amenizando a falta que sente da antiga rotina, da sua escola, amigos, casa e família, aprendendo a preencher seu tempo enquanto não pode sair do hospital, com atividades que lhe

tragam conforto. Por esse motivo, a relevância da comunicação e aproximação entre educador e educando.

Os professores hospitalares trabalham com alunos em estado de tratamento médico, não somente conteúdos teóricos, mas, também, irá auxiliar em questões psicológicas, mudando seu procedimento para que seja menos hostil do que um ambiente acadêmico, mas que seja acolhedora e aconselhadora, tendo como foco a distração do indivíduo de um ambiente desagradável.

Deve sempre estar observando se os planos de aulas elaborados e trabalhados estão trazendo resultados positivos para o prontuário de desenvolvimento do aluno, sempre se perguntar o que dá para melhorar, se o lúdico está sendo bem usado, não se esquecer de estar analisando as características do indivíduo, sua personalidade, atitudes, analisando esses pontos, pode ajudar o pedagogo a pensar em quais formas possivelmente ajudará o aluno progredir.

Jamais o professor hospitalar deve ser autoritário e intimidar o aluno. Ele deve sempre estar disposto para tudo que o contexto tenha a oferecer, muitas das vezes os internados e seu acompanhante se sentem excluídos da sociedade.

O objetivo do pedagogo hospitalar como profissional educacional é demonstrar que independentemente de como sua vida segue, sempre tem uma maneira na qual possivelmente possa resolver as coisas, nesse caso, mostrar o direito e a necessidade de um menor concluir seus estudos, além de ser um apoiador nessa fase difícil que o indivíduo passa, mas sempre estar em consenso com sua saúde, tomando todos os cuidados necessários, tendo orientações e limites passados por quem acompanha o tratamento.

O MEC (BRASIL, 2002) cita que o principal responsável de comunicar instituições hospitalares sobre a educação hospitalar é a secretaria de educação. Compete a ela contratar profissionais para o atendimento, não negligenciando o atendimento aos alunos hospitalizados.

Compete às Secretarias de Educação, atender à solicitação dos hospitais para o serviço de atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar, a contratação e capacitação dos professores, a provisão de recursos financeiros e materiais para os referidos atendimentos. (BRASIL, 2002, p. 16).¹³

¹³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

Portanto, é dever da Secretaria de Educação solicitar profissionais aptos para trabalhar seja em classe hospitalares ou domiciliar, solicitando todo tipo de material necessário. Acrescentando com outra citação do MEC:

Além de um espaço próprio para a classe hospitalar, o atendimento propriamente dito poderá desenvolver-se na enfermaria, no leito ou no quarto de isolamento, uma vez que restrições impostas ao educando por sua condição clínica ou de tratamento assim requeiram. O atendimento pedagógico poderá também ser solicitado pelo ambulatório do hospital onde poderá ser organizada uma sala específica da classe hospitalar ou utilizar-se os espaços para atendimento educacional. (BRASIL, 2012, p. 17).¹⁴

O pedagogo pode ser solicitado em vários ambientes diferentes, sempre estar à disposição para ir até o paciente, nem sempre o aluno vai estar à disposição para ir até o profissional.

Muitas das vezes a nova rotina e ciclo social interno dentro do hospital é muito estressante, podendo mudar seu humor drasticamente e sendo difícil de lidar, assim cabe ao profissional manter a calma e aos poucos ir criando uma ligação com o indivíduo para conseguir fazer com que ele se abra e consiga entendê-lo sobre a sua visão, ajudando o enfermo em possíveis soluções.

Deste modo, o pedagogo tem o dever de criar uma relação próxima da criança, adolescentes e família, ele poderá entender melhor como se sentem e até mesmo poder oferecer auxílio em certas ocasiões.

O pedagogo hospitalar é uma das pessoas chave para o aluno que está internado, além de ajudar com conteúdos metodológicos, o profissional ajuda na integração pessoal do indivíduo.

Mesmo que o aluno/enfermo não perceba a importância que aquele professor trás na vida dele naquele momento, ele pode perceber no futuro, não se sentindo tão desajustado com a sociedade, por mais que no começo seja difícil se readaptar ao convívio social externo.

¹⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

5 – PESQUISA DE CAMPO: ENTREVISTAS

5.1 - ENTREVISTA COM O ALUNO QUE PASSOU PELO PROCESSO: RM

1- Como a Pedagogia Hospitalar influenciou sua vida estudantil e pessoal?

No começo eu não sabia sobre o sistema, mas através dele, a professora do hospital me ajudou com algumas atividades que foram passadas pelos professores da escola na qual eu estudava. Assim eu conseguia “dar continuidade para meus estudos”.

2- Por quanto tempo você precisou usar o sistema?

Aproximadamente 1 ano.

3- Você se formou pelo sistema ou depois de um tempo voltou a estudar na escola regular?

Eu terminei a 7º série pelo sistema e a 8º série eu comecei pelo sistema, mas voltei a escola no meio do ano.

4- Precisou fazer acompanhamentos domiciliar também?

Não foi preciso, eu fiz o acompanhamento somente no hospital e quando eu recebi alta, depois de um tempo na casa eu retornei normalmente para escola.

5- Caso tenha se formado pelo sistema ou voltado a estudar no ambiente escolar, como foi essa adaptação? Como pedagogia hospitalar te ajudou?

Com relação a me formar na 7º série pelo sistema, eu não tive nenhum problema, mas ao retornar para a escola no meio do ano na 8º série, eu percebi que estava muito atrasado em todas as matérias, tanto em assuntos que foram passados no final da 7º série quanto assunto que foi tratado no começo da 8º série, porque no hospital eu não tinha o acompanhamento necessário para me ensinar. O sistema me ajudou a passar de ano, mas fiquei com muita dificuldade quando retornei para minha escola.

6- Como era sua frequência com aulas no ambiente hospitalar? Qual tipo de cronograma era usado para se adaptar a você?

Eu não tinha muita frequência nas aulas, pois a professora que ficava lá creio que não tinha experiência para séries mais avançadas como no meu caso, então como eu percebia isso eu realmente não tinha interesse em participar e fazia as atividades que eram mandadas para mim por mim mesmo.

7- Tem uma sala especializada com recursos necessários para Pedagogia Hospitalar? Quando preciso, o profissional se dirigia a sua ala ou aonde fosse preciso para ensinar?

Tinha uma sala para as aulas, mas pelo ambiente dava para perceber que era mais para crianças pequenas. A professora quando era preciso, ela ia no meu quarto para entregar minhas atividades ou perguntar se eu queria alguma coisa, como jogos da brinquedoteca.

8- Como era o apoio pedagogia? Era profissionais aptos para a área?

A escola regular me passava as atividades e a professora que ficava no hospital tentava me ajudar. O tipo de profissional que estava lá era mais para parte de crianças pequenas, pois ela tinha dificuldades para entender as atividades que me eram mandadas e não conseguia me ajudar da forma que eu necessitava.

9- Na sua opinião, os materiais didáticos eram bem utilizados? Precisou de alguma adaptação dos recursos ou materiais?

Não, no meu caso não tive um acompanhamento muito frequente, os profissionais que trabalhavam lá não conseguiam me ensinar na forma que eu precisava, não tinham suporte suficiente para minha faixa etária, tive que fazer algumas atividades apenas, mas sozinho, pois a professora do hospital não entendia direito o conteúdo, então não tinha como ela me ajudar muito. Não precisei.

10- Suas expectativas em relação a Pedagogia Hospitalar foram boas?

Eu não tive uma experiência muito boa, me ajudou a passar de ano, mas quando retornei à escola, eu tive dificuldades para me adaptar novamente, me sentia perdido porque não entendia as coisas que estavam passando e as vezes a professora da minha escola não tinha paciência para me explicar.

11- Sua privacidade, cuidado, dignidade e sigilo foram respeitadas?

Sim, não me senti negligenciado nessa parte, eles tinham cuidado comigo e respeitavam meus limites quando preciso.

12- Queria que algo fosse diferente para melhorar esse sistema?

Sim. Precisa de mais de 1 profissional no hospital, 1 para crianças e outro para adolescentes. Na minha opinião, acho que assim a assistência nas aprendizagens seria melhor, o profissional poderia estar mais apto para aquele cargo e para conseguir dar uma assistência melhor ao aluno daquela faixa etária.

13- Você consegue reconhecer a importância e o objetivo que a Pedagogia Hospitalar traz para a vida de uma pessoa internado na fase estudantil?

Sim, pra mim até me ajudou a passar de ano mesmo eu não tendo aprendido muito coisa, mas acredito que se tiver profissionais especializados para ajudar diversas faixas etárias ajudaria muito mais.

5.2 – ENTREVISTA COM A MÃE DO ALUNO: MB

1- Como descobriu a Pedagogia Hospitalar? Seu filho(a) foi negligenciado ou atendido o direito de estudar mesmo estando em estado de tratamento?

Através do meu filho que ficou que ficou doente e foi internado, eu conheci o sistema pedagogia hospitalar, mas antes eu não sabia da existência do sistema, quando meu filho precisou do recurso, a professora do hospital foi atrás para ver como ia continuar as aulas dele. Ele foi atendido e teve direito as aulas logo de imediata, concluindo a 7° série no hospital e 8° série foi acompanhado até maio de 2014 e depois volto para escola regular.

2- Você percebeu a diferença que a Pedagogia Hospitalar fez na vida do seu filho(a)?

Fez diferença porque meu filho pode concluir a 7° série e continuar estudando até ele voltar para escola dele, mas ele não levava muito a sério os estudos porque o tratamento era estressante e não tinha um apoio muito bom para ajudar meu filho nos estudos.

3- Em sua opinião, essa rede de apoio foi importante pro seu filho(a)? O sistema deve continuar?

Sim, foi importante, e o sistema deve continuar sim, porque os jovens não perdem o ano letivo.

4- Se pudesse mudar algo no sistema para melhorar, na sua visão, o que mudaria para atender melhor as crianças e jovens hospitalizados?

Eu não sei ao certo o que poderia melhorar, meu filho não queria participar das atividades que eram propostas por muitos motivos, um deles era porque a professora do hospital ficava perdida com as atividades que a escola dele mandava, então, dentro de todo possível que aconteceu, meu filho foi bem atendido e compreendido pela professora hospitalar da maneira que dava, então na minha opinião, o que poderia melhorar era essa parte do sistema.

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da concretização apresentada ao decorrer desse artigo científico, a pedagogia tem muitas áreas novas sendo descobertas e desenvolvidas, uma delas é a pedagogia hospitalar surgindo na segunda guerra mundial no século XX na França, depois de um tempo foi trazida essa especialização para o Brasil. Conforme os anos foram passando se tornou mais perspectivo ver a importância dessa área, transformando novas leis a favor dos hospitalizados de menor.

Assim, tornando um desafio na formação de professores, especialmente aqueles interessados na temática de educação em espaço não convencional. Atualmente a exigência para profissionais atuarem na área é grande, tem que ter especializações específicas e capacitação para o trabalho humanizado. Sua atuação em hospitais tem que ser de acordo com o ambiente, as pessoas, matérias e recursos disponíveis para serem usados, usando muita criatividade para adaptar ao sistema.

A pedagogia em redes de saúde, tem um papel fundamental como mediador entre educação, saúde e família. O sistema tem o objetivo de ajudar nas práticas

pedagógicas, motivador do cognitivismo, criatividade, desenvolvimento pessoal, social, emocional e física.

Considerando-se que este estudo busco demonstrar a importância da classe hospitalar na vida de uma pessoa internada em fase estudantil, dando a ela muito mais do que apenas um direito, mas tornando um processo de humanização.

A criança e ao adolescente passam por um processo muito rígido, mudando suas vidas de um dia para o outro, suas rotinas se tornam diferentes, tornando o viver muito mais dolorido e invasivo, podendo gerar novos sentimentos, acarretando emoções negativas, podendo agravar seu estado de saúde.

Com base nisso mostrando a importância da pedagogia hospitalar, além de dar continuidade a aprendizagem, trazer a vida da criança um olhar diferente dentro do hospital, podendo facilitar a passagem do aluno pelo ambiente de saúde e ao retorno social, sempre estar trabalhando seus sentimentos.

Finalizando com uma entrevista do aluno e do responsável. Eles deixam bem claro que a pedagogia hospitalar é muito importante para a vida continua de uma pessoa internada na fase estudantil, porém, ainda não se tem recursos necessários para o sistema que abrange até certa idade. Conforme for ficando mais velho, os materiais, atividades e profissionais aptos para trabalharem com uma faixa etária mais avançada, ficam mais difíceis, ainda se tem atendimento para esses alunos, mas com um preparo menor, o foco das aprendizagens acaba sendo para crianças, segundo os entrevistados sobre o hospital de Jaú/SP (Hospital Amaral Carvalho).

Sendo o certo por lei, que todos os menores hospitalizados tenham bons atendimentos para não terem problemas futuros quando retornarem para suas escolas ou voltar a viver no meio da sociedade como adultos.

7 – REFERÊNCIAS

BISCARO, Deise Borba. **Pedagogia Hospitalar e suas bases legais**. São Paulo: Instituto Paradigma, 2015. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-13.pdf>. Acesso em 7 março 2023.

BRASIL. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Resolução nº 41 de outubro de 1995 (DOU 17/19/95). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>. Acesso em: 19 março 2023.

_____. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 24 março 2023.

_____. [LDB (1996)]. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Senado Federal, 2005. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 15 março 2023.

_____. **Lei Nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB). Disponível em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/Ed-inclusiva-13.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

_____. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>. Acesso em: 11 abril 2023.

_____. Resolução SE 71/2016: **Dispõe sobre o atendimento escolar a alunos em ambiente hospitalar e dá providências correlatas**. Publicado em 23 de dezembro de 2016 por Publicações sobre Educação. Disponível em: https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2019/03/edc-se71_afastamento-hospitalar-alunos.pdf. Acesso em: 11 abril 2023.

CARNEIRO, Maria Emília Alves; TAVARES, Luciane Madeira Motta. **A Função do Pedagogo no Ambiente Escolar**. Minas Gerais: Grupo UNIS - MG (Centro Universitário do Sul de Minas. 2012. Disponível em: <http://repositorio.unis.edu.br/bitstream/prefix/1364/1/Artigo%20Maria%20Emilia%20Alves%20Carneiro.pdf>. Acesso em: 12 abril 2023.

CAVALCANTE, Myrian Soares de Moraes; GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; ALMEIDA, Synara do Espírito Santo. **Pedagogia Hospitalar: Histórico, Papel e Mediação com Atividades Lúdicas**. Sergipe: NUPIEPED. 2016. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/16053056-Pedagogia-hospitalar-historico-papel-e-mediacao-com-atividades-ludicas.html>. Acesso em 14 março 2023.

LIMA, Cristina Cavallari Ferreira; PALEOLOGO, Silvana De Oliveira Araujo. **Pedagogia Hospitalar: A importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças**. e-Faceq: revista eletrônica dos discentes da Faculdade Eça de Queiros, ISSN 1111-1122, Ano 1, numero 1, junho de 2012. e-faceq.blogspot.com. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf. Acesso em: 4 de fevereiro 2023.

NAAPA, Núcleo de Apoio e Acompanhamento para Aprendizagem. **Pedagogia hospitalar: aprendizagens, saberes e afetos**. São Paulo: SME/ COPED, 2021. Disponível em: <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/Dialogos-NAAPA-Pedagogia-Hospitalar-v5.pdf>. Acesso em 17 março 2023.

UCS, Universidade de Caxias do Sul. **Conheça a Pedagogia Hospitalar, especialidade que protege um direito**. Disponível em: <https://ead.ucs.br/blog/pedagogia-hospitalar>. Acesso em: 22 abril 2023.

VALE, Fernando. **Como se especializar em Pedagogia Hospitalar?** São Paulo: Aprimoramente: Descubra onde aprender. Disponível em: <https://aprimoramente.com/blog/fernandovale.descubraondeaprender.como-se-especializar-em-pedagogia-hospitalar>. Disponível em 17 abril 2023.

RUSSO, Jaqueline Guedes; MESSA, Sabrina Peviani. **PEDAGOGIA HOSPITALAR: a importância do pedagogo como auxiliador do aprendizado de crianças e adolescentes hospitalizados**. Revista saberes docentes da Faculdade do Vale do Juruena: AJES/MT, junho de 2017. Disponível em: <https://revista.ajes.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/72/145>. Acesso em: abril de 2023.

Oliveira, Tyara Carvalho de. **HISTÓRIA DA CLASSE/ESCOLA HOSPITALAR: NO BRASIL E NO MUNDO**. 2015. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA5_ID143_05052015093744.pdf. Acesso em 9 setembro 2022.

CAVALCANTE, Myrian Soares de Moraes; GUIMARÃES, Valéria Maria Azevedo; ALMEIDA, Synara do Espírito Santo. **Pedagogia hospitalar: histórico, papel e mediação com atividades lúdicas**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/16053056-Pedagogia-hospitalar-historico-papel-e-mediacao-com-atividades-ludicas.html>. Acesso em 5 fevereiro 2023.

ARAÚJO, Kathy Souza Xavier de; RODEIGUES, Janine Marta Coelho. **Pedagogia hospitalar no Brasil: breve histórico do século XX aos dias atuais**. Políticas Educativas, Paraná, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Polod/article/view/109584>. Acesso em 2 outubro 2022. Acesso em: 5 de fevereiro 2023

SOUZA, Raíssa Paes de. **PEDAGOGIA HOSPITALAR — HISTÓRICO, LEIS QUE REGULAMENTAM E A DOCÊNCIA HOSPITALAR**. Goiânia 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/bitstream/123456789/3075/1/Monografia%20Ra%C3%ADssa%20Paes%20de%20Souza%20%281%29.pdf>. Acesso em: 4 de novembro 2022.

MUNDIM, Joice Silva Marques; BORGES, Isadora Costa; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. **Pedagogia hospitalar: um estudo teórico-prático sobre as contribuições, práticas pedagógicas e metodologias**. Cadernos da Fucamp, 2018. Disponível Em: file:///C:/Users/RAFAEL%20MARTINS/Downloads/1081-Texto%20do%20Artigo-5407-2-10-20200608.pdf. Acesso em: 7 de março 2023.

LIMA, Camila Cardoso; SOUZA, Franciele Aparecida da Silva; MELO, Érica Regina Pereira da Silva; ROCHA, Ezi Silveira; NASCIMENTO, Marina Cássia; PEREIRA, Shirley de Souza; RAMOS, Wanda Batista. **A educação em ambiente hospitalar**. Só pedagogia. Disponível em: https://www.pedagogia.com.br/artigos/educacao_ambiente_hospitalar/index.php. Acesso em: 8 de marco 2023.

SILVA, Andrieli. **O papel do pedagogo hospitalar**. UOL, meu artigo. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/o-papel-pedagogo-hospitalar.htm>. Acesso em: 10 de abri 2023.